

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

Parece que ficou sem solução o problema do Priorado, o que se lamenta.

Como já aqui escrevemos, a Câmara de Esposende, por proposta da Junta de Fão, dispunha-se a fazer no inestético e desaproveitado terreno do Priorado umas salas de apoio ao Salão Paroquial. Para suavizar os custos de tal empreendimento, a edilidade exigia a cedência de uma parte do terreno para ser convertida em garagens, sete ao todo, que depois seriam vendidas ao melhor preço para assim se amortizar o custo da obra que ainda ia a uns milhares. Disse-nos um téc-

O CASO DO PRIORADO

nico experimentado que o total das despesas com as salas ultrapassariam no dobro o produto da venda das garagens. Portanto, o Priorado ficava a ganhar.

A Comissão Fabriqueira, presidida pelo Reverendo Prior, estudou o assunto e, dado o melindre da questão reuniu em assembleia com alguns fangueiros. Que deram um parecer desgraçadamente negativo, infelizmente. Dizem-nos que alguém opinou durante a reunião que não deviam consentir a construção das garagens para que os namorados não pudessem ir para cima dos terraços dar abraços e beijinhos. Essa não!!!

Em nosso entender a recusa da Comissão Fabriqueira não foi benéfica para a terra. Está ali um terreno desaproveitado numa situação que dura há mais de cinquenta anos. Aparece alguém para modificar as coisas e logo uns tantos ajuntam meia dúzia de argumentos que são um dispatério.

Tanto a Câmara como a Junta tinham real interesse em fazer a obra que inegavelmente beneficiaria a nossa terra. Estamos em vésperas de eleições e aquelas autarquias colheriam os necessários dividendos. Mas que era um benefício

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

P.º Jerónimo Chaves

(continuado do número anterior)

No último número deste jornal focamos um dos traços marcantes da personalidade do P.º Chaves que era o de enxota-diabos. Hoje queremos evocar aqui outra faceta não menos determinante da sua pessoa e essa foi a luta estrénuo e persistente que desencadeou para a construção de um porto de abrigo na bacia natural dos Cavalos de Fão.

A campanha começou em fins de 1911 quando o porto de Leixões foi assolado por uma grande tragédia. Chaves Coupon, pseudónimo do P.º Jerónimo Chaves, inicia uma série de artigos no «Esposendense», do seu grande amigo José da Silva Vieira, edita sucessivamente 13 opúsculos e lança centenas de prospectos que tiveram verdadeira repercussão nacional, tudo a expensas suas, diga-se em abono da verdade. Houve até uma altura que as suas relações com o seu amigo Vieira esfriaram e o P.º Chaves fundou ele próprio um jornal, «O Novo Porto», com uma incidência muito especial sobre o porto dos Cavados de Fão.

Foi uma campanha bem conduzida, com artigos variados, bem fundamentados e que tiveram por reforço a opinião abalizada de alguns ilustres oficiais da nossa Armada. No «Esposendense» de 14-11-1913 aparece uma entrevista com o Capitão de Mar e Guerra, Almeida e Lima, onde este ilustre oficial defende calorosamente as excelências dos Cavalos de Fão para porto de abrigo. Além do «Esposendense» outros jornais, nomeadamente «O Século», «Diário de Notícias», a «Revista Colonial de Lisboa», apresentaram notícias sobre o porto de Fão ao mesmo tempo que defendiam o seu projecto, tudo por iniciativa do P.º Chaves.

Toda esta clamorosa campanha acabaria por atingir retumbância nacional, os ecos dos artigos de Chaves Coupon entraram nos gabinetes ministeriais e, a avaliar pelos documentos coevos, quase poderíamos dizer que a coisa, o porto de abrigo, esteve por um triz.



Justino Herrs, oficial da Marinha, estaneiou em Esposende no ano de 1914, no Hotel Vilarinho, fazendo parte da missão encarregada de estudos hidrográficos da costa norte, com incumbência especial de dedicar-se a cuidadoso exame e observação dos Cavalos de Fão (1). Na altura, a Câmara de Esposende e a Associação Comercial apresentaram na Câmara dos Deputados o projecto de construção do Porto dos Cavalos de Fão. Curiosamente a Câmara de Viana do Castelo, ainda não despertada para a sua realidade portuária, enviou igualmente àquele órgão legislativo um telegrama em que reforçava a posição da Câmara de Esposende (2).

Como corolário e remate optimista de todas estas demanches, o «Esposendense» de 2-4-1914 informa: «De Lisboa comunicam que a maior parte do capital já está assegurado, algumas firmas estrangeiras oferecem os seus capitais». E ainda o mesmo jornal, no seu número 398 de 17-12-1914 transmite: «Parece assegurada a construção do

(Continua na pág. 2)

PADRE JERÓNIMO CHAVES

(Continuado da pág. 1)

porto de abrigo dos Cavalos de Fão». Anos mais tarde, em 1918, Manuel César de Oliveira, escreve ao director de «O Esposendense» dizendo-lhe textualmente: «realizei o grupo financeiro que tomará a seu cargo o grande sonho do infatigável Chaves Coupon» (3).

Apesar de todas estas notícias promissoras, o porto dos Cavalos de Fão não passou de um sonho lindo na mente do P.º Jerónimo Chaves e na de alguns seus admiradores. E tudo porquê?

Como resposta diremos que em 1914 rebentou a Grande Guerra (1914-1918) a que Portugal aderiu; por seu turno os governos eram muito instáveis e aquilo que hoje prometiam, no dia seguinte seria letra morta porque enquanto mudavam os governantes. Este fundo infixo de certo modo bloqueou a campanha do nosso conterrâneo, mas em nosso entender não foram estes os principais óbices.

O P.º Jerónimo Chaves partia duma premissa errada. Numa entrevista concedida ao «Esposendense» ele declarou textualmente: «Não é o grande centro que faz o grande porto; é o grande porto que faz o grande centro». Ora no início do séc. XX a cidade do Porto era já uma grande urbe e por isso necessitava de um porto com uma grandeza dimensionada à sua categoria. Esse porto seria Leixões que foi o grande obstáculo à concretização do porto dos Cavalos de Fão e consequentemente o inimigo número um do P.º Chaves Coupon. A cidade invicta criou um porto na zona da costa que lhe ficava na vertical e depois limitou-se politicamente a defendê-lo. E em política o mais forte é o que vence.

Debalde o P.º Chaves arremetia contra o porto de Leixões as suas famosas catilinárias: «Até quando, ó Leixões, abusarás tu da nossa paciência?» Debalde Chaves Coupon escrevia em letras garrafais: «Leixões morreu!» Em vão ele fazia cálculos e mais cálculos garantindo que os custos do porto de Fão não ultrapassavam os 5.000 contos (1935) quando o porto de Leixões nessa mesma época já ia numas largas centenas de milhares de contos. Na verdade Leixões era um valor que mais alto se levantava e a sua transmutação para a zona de Esposende era como tentar a quadratura do círculo ou a trissecção do triângulo (4).

A luta do P.º Jerónimo Chaves durou praticamente 30 anos. Tudo sem qualquer resultado. Essa campanha ficou-lhe no entanto a auréola de herói. Esgotado da saúde e da fortuna morreu no Hospital da Póvoa em 3-12-1939. A sua memória, porém, restará no subconsciente colectivo fangueiro, como a de um lutador pelas coisas da sua e nossa terra.

- (1) «O Esposendense» n.º 350 de 1-1-1914.
- (2) «O Esposendense» n.º 362 de 2-4-1914.
- (3) «O Esposendense» de 28-11-1918.
- (4) Sulpício Serra in «Esposendense» de 1936.

O caso do Priorado

(Continuado da pag. 1)

para a terra não haja dúvidas, e isso é que nos devia interessar.

Não o entenderam assim uns tantos e o Reverendo Vilar também foi na onda. Curiosamente um temor que preocupava o nosso Pároco era que o Paço Arquiepiscopal não autorizasse a desafetação do terreno para a construção do terreno. Pelos vistos o sr. Arcebispo deu a respectiva autorização.

E agora? Vamos esperar mais cinquenta anos com um terreno desaproveitado e a falta de umas salas que tanto geitinho nos faziam?

ROUXINOL

Chegou-nos a casa mais um número de Rouxinol. No há dúvida que se trata de um jornalzinho muito agradável e bem feito, porventura, de mais, que quase se duvida ser da autoria de alunos do Ensino Básico. É que nós temos alguma experiência de ensino e quem nos dera a nós que os «nossos» alunos do 10.º ou 11.º anos fossem capazes de redigir textos como, por exemplo, «recordações», da 1.ª página ou outro que tem por tema «a poluição».

Por isso está de parabéns todo o grupo redactorial.

Também recebemos o Boletim Cultural da Câmara de que faremos uma pequena recensão crítica no próximo número.

DO GABINETE DE INFORMAÇÃO

Decidiu esta Câmara Municipal ocupar de forma mais salutar e útil o tempo da nossa Juventude. A partir de 6.ª-feira, dia 2-0-85, serão lançados jovens por alguns dos pontos mais sensíveis (Praias e Pínhais) do nosso concelho, no sentido de, quer consciencializar, quer fornecer indicações a todos os que nos visitam ou aproveitam a nossa terra para os seus momentos de lazer.

Quando vir um jovem com uma tee-shirt com a legenda «CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE — PROTEJA A NATUREZA», receba-o e siga as suas indicações.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO DO APOIO REGIONAL

CARTAS

AO DIRECTOR

Presado Senhor
Cordeais saudações

Eu gosto de escrever. E principalmente para Fão.

Ainda tenho os números de 1 a 10 do «FANUM» mimiografados, e que durou pouco tempo. Agora «O NOVO FANGUEIRO» se apresenta com possibilidades muito maiores.

Eu devo conhecer os Saraivas que o dirigem, mas sinceramente não tenho as filonias em minha consciência.

Na escola, com a professorinha D. Palmira, em 1925, 26 e 27, fui colega do Artur Saraiva, e aqui em Bangú conheci o Adelino, com quem conversei algumas vezes quando vou a Fão e que o procurei agora em 1985 quando estive aqui no Rio, sem o encontrar.

Fico alegre com as notícias de Fão, e se já não voltei de novo, foi devido à idade avançada de minha sogra, com 86 anos, que não tem mais condições para aguentar tão longa viagem, e minha senhora não confia a mãe com ninguém, a não ser com nossa filha, que se encontra há 6 anos no México em serviço oficial, se aqui estivesse.

Quero agradecer a referência no «Editorial» do 1.º aniversário do vosso jornal, mas com uma reclamação; faço questão da rectificação de meu nome «AMANDIO» e não Armando, e sobre do Né Glória do Porto, as despesas da remessa do mesmo.

Sensibilizado por ser lembrado, gostaria de poder ser útil nas coisas de nossa terra, mas além da idade já estar chegando, tam-

bém meus olhos não me ajudam a participar em qualquer iniciativa de interesse da colectividade e que já me impediram de continuar a promover o encontro dos fangueiros aqui em Olaria como fizemos em 1973, de saudosas recordações, com a presença de 90% dos conterrâneos e dependentes que aqui vivam, não só no Rio como no Brasil.

Com sinceros abraços

AMÂNDIO COSTA CARAMALHO

Ex.mo Senhor
Director de «O Novo Fanguelro»

Tendo tomado conhecimento através de pessoas amigas do vosso jornal, «O Novo Fanguelro», venho por este meio solicitar a minha assinatura anual e dar os parabéns à directoria pela natureza organizada do conteúdo do jornal.

Fão merece ser revelado ao país inteiro como terra de beleza, simpatia e encantamento, com todas as suas gentes e riquezas paisagísticas.

Penso no exagerar o meu apreço pela minha terra natal, pois não há quem não adore a terra onde nasceu.

Sem mais, agradeço desde já a atenção que me dispensaram esperando ansiosa o vosso jornal de Setembro.

Sou muito cordialmente

Eulália Gonçalves de Carvalho

N. R. — Estas cartas compensam-nos em muito de certas atitudes de alguns «bairristas» cá do sítio.

Aumente o seu Colesterol!

Mais um mês que se passou e cá estamos de novo para pregar mais uma partidinha ao simpático colesterol ...

Começamos com um prato bastante saboroso e de confecção pouco complicada:

OVOS «MIGNONS»

Gemas — 3

Claras — 3

Leite — 1 chávena almoçadeira

Queijo ralado — 3 colheres de sopa

Manteiga — 1 colher de sopa

Sal fino — 1 pitada.

Mistura-se tudo (excepto as claras), e bate-se bem. Juntam-se então as claras batidas em castelo.

Untam-se com manteiga forminhas (não demasiado pequenas) e enchem-se com esta mistura, mas não até cima.

A seguir, vão cozer em forno quente. Quando, ao espetar um palito este sair seco, retiram-se do forno e desenformam-se.

Servem-se com molho de tomate ou montinhos de esparregado.

Vamos experimentar, e mandar o colesterol de férias? ...

E agora a sobremesa:

PÃO DE LÓ DE AMÊNDOA

Açúcar — 500 gramas

Miolo de Amêndoa — 500 gramas

Ovos — 6.

Batem-se as gemas com o açúcar, até engrossarem; junta-se a amêndoa pelada e bem pisada, e por fim as claras batidas em castelo, bem firmes.

Vai ao forno a cozer em tabuleiro bem untado.

Depois de cozido deixa-se arrefecer e parte-se em fatias que se polvilham com açúcar e canela.

É mesmo bom, vão ver! Vale bem uma subidinha do colesterol ...

Até à próxima, se Deus quiser! E ... BOM APETITE!

Tia Mariquinhas

Uma chávena de café

Neste jornal e nesta rubrica, já falei em dada altura, no valor da amizade. Repeti-lo agora, nunca seria de mais. Mas, também diz o ditado «o que é de mais é moléstia». Razão pela qual, em vez de amizade, falarei de vida, aqui, sinónimo de dinamismo.

Uma noite destas, foi-me presenteado, participar no jantar de celebração do 1.º aniversário deste jornal. Gostei imenso do jantar, mas este, desculpem-me os responsáveis, foi deveras suplantado pela vivacidade dos presentes que anónima ou publicamente representam o «Novo Fanguelro». Digo também anónima, porque me foi dado conhecer que alguns elementos, não colaborando em rubricas escritas, estão permanentemente em contacto com os problemas desta vossa terra e apoiam o jornal.

Não falarei em nomes, pois não seerei a pessoa mais competente para o fazer e o que me entusiasmou foi que gente de cultura diversa e de idades diferentes, logo um grupo heterogéneo sentia e discutia de «alma e coração» os problemas de Fão, essencialmente a nível cultural.

Sim, todos sabemos que uma popula-

ção culta, é uma população esclarecida em todas as áreas, logo uma população feliz, capaz e eficiente.

Se a vida fosse limitada ao trabalho, alimento e repouso do corpo, não haveria fronteiras entre o homem e a besta. O homem tem inteligência e esta necessita também, de ser alimentada. A esse alimento damos-lhe o nome de cultura, e a cultura é a essencial da vida humana. Sem ela, a vida é «sem sabor» e anda por cá por ver andar os outros. Ou seja, vegeta.

Foi talvez este encontro comemorativo, um reflectir, um trocar de impressões, de gente da vossa terra, que deseje o engrandecimento e o respeito que lhes é merecido por direito. Mas também, essa vontade foi bem manifesta por gente que não sendo originária de Fão, está ligada à terra, por outras razões que não o cordão umbilical, mas de igual ou não menor valor.

A todos os que estiveram presentes assim como aos habitantes que têm entre si, gente cívica, ergo minha chávena de café.

Maria Arlette S. F.

Saberá...

● Saberá o Administrador de Massa Fálida da Ofitex que a secção de tinturaria desta unidade textil de vez em quando fumeja?

Se sabe é conveniente. Se não sabe é desleixado ...

● Numa transversal da rua Capitão Larcher (1.ª transversal à direita) existe um pequeno edifício cuja construção foi autorizada para a guarda de pequenos arrumos e reparações? Saberá a Câmara que essa pretensa caso de arrumos está a funcionar como tinturaria sem qualquer cuidado com as águas residuais?

Se sabe é conveniente. Se não sabe é desleixo.

A TERCEIRA IDADE

— ontem - hoje - amanhã —

Como os quatro ventos
Mudaram-se os tempos
Mai-los sentimentos
No «Modus vivendi»
Desta nossa gente
Outrora orgulhosa
E muito vaidosa
De a portas dentro
Em idade propecta
Ascendente haver
A chegar à meta
do limite do vida
Que lhe foi dado ter.

E no seu cadeirão
O nosso Ancião
Muito bem cuidado
Recebia somente
E por direito seu
Uma quota parte
Do quanto ele deu.
Muito acarinhado
Pelos seus netinhos,
Melgos, amorosos,
Que todos os dias
Pediam-lh'a bênção
E muitos beijinhos.

Nesta paz de Deus
Nos braços dos seus
Os entes queridos
Assim se finavam
Já muito velhinhos ...

Assim era dantes,
Como tudo mudou! ...

Para nossos filhos,
Nós hoje não somos
Mais que empecilhos,
E quando já velhos
E mais precisados
De alguns carinhos,
Arrumam-nos num lar
Sem nada faltar
Lá isso é verdade,
E muito bem-estar ...
Que felicidade
Se isto bastasse
E nos não faltasse
Aquele ambiente
De ternura, quente,
Nossa familiar,
Juntos à braseira
Ou serões no eira
Em noites de luar.
E que só os nossos
Sentem e o podem dor.

Mas isto é hoje
E as de amanhã?

Pelo desagregar
Da família, do lar,
Que há a esperar?
Como no princípio.
Com um magro farnel
A manta de burel
Caminho do monte
E junto d'uma fonte
Saudoso dos seus
Esperar o momento
o seu chamamento
Ao Reino de Deus.

Abril de 1984

S. MENDANHA

«ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA, TANTO BATE ATÉ QUE FURA»

● Bares, tascos, «casinos» legais e ilegais proliferam em Fão nocturno. Uma vila é uma vida cheia de atractivos (?). A polícia judiciária com um alfofre de trabalho é de trabalhos.

Até quando? Um dia virá uma mãe, uma esposa, uma Maria da Fonte ou Maria Bernarda e porá cobro a isto. É certo que só lávai quem quer... só joga quem quer... mas dos pobres de espírito também devemos ter compaixão e mostrar-lhes o melhor caminho. Os lucros, diz-se, são da ordem das centenas de contos. Uma terra pobre com «ares» de rica. É o Turismo! É o Turismo! E de Inverno? Talvez os lucros (?) do Verão ...

● Fão está embaideirado com sinais de trânsito. Um labirinto. Para quê? Quem faz cumprir a lei! Ninguém. Policiamento precisa-se para fazer cumprir:

— Proibições de estacionamento; as altas velocidades; os escapes soltos, os ruídos ensurdecadores, os aceleras, os loucos circenses que das motorizadas fazem o tal «cavalo» com ameaça de crianças e adultos indefesos.

● Cada um abre um tasco ou restaurante onde quer, sem olhar à zona envolvente. Não se vê se há ou não parque de estacionamento para os veículos dos utentes; se os cheiros vão ou não ameaçar os vizinhos; se a poluição gordurosa e sonora vão ou não emergir à distância.

(Continua na pág. 7)

Pagaram a assinatura

Arménio Baia Pires, Braga, 500\$00; Prof. D. Maria Samarino Pereira, Esposende, 500\$; Dr. Rui António Ferrela de Agonia Pereira, Lisboa, 500\$00; Henrique Händel de Oliveira, V. N. Famaliva, 500\$00; Manuel Parente Oliveira, Porto, 500\$00; Manuel Gomes Soares, Fão, 500\$00; Comandante Eurico Moura Sampaio e Castro, Lisboa, 1000\$00; Fernando Jorge Neves, Porto, 500\$00; D. Teresa Amoroso Nobre, Porto, 500\$00; Manuel do Vale Sousa, Fão, 500\$00; Rogério da Silva Morgado, Fão, 500\$00; Dr. Juiz José Ramos da Fonseca, Fão, 500\$00; Cândido Araújo Lamas, Esposende, 500\$00; Dr. Francisco Brás Marques, Esposende, 500\$00; Dr. Jorge A. P. Arelas, Mala, 500\$00; José Guimarães, Fão, 500\$00; Constantino Araújo Esteves, Fão, 500\$00; Arlindo Ferrela, Fão, 500\$00; Valdemiro Lopes Cardoso, Esposende, 500\$; Belmiro Viana, Fão, 1000\$00; Cândido Casanova, Fão, 500\$00; Inspector Manuel do Cabo F. Grilo, Fão, 500\$00; José Manuel da Silva Carvalho, Barcelos, 500\$00; Dr.ª M.ª Georgina Carneiro, Porto, 500\$00; Dr. Alberto Gomes do Vale, Fão, 500\$00; Revdo P.ª Dinis de Vilarelho, Gondomar, 500\$00; António Cardoso Salgado Torres, França, 2.500\$00; Adelino Fonseca Saraiva, Fão, 500\$00; Prof. Doutor José Morgado, Porto, 500\$00; Carlos Alberto Graça Peixoto, Fão, 500\$00; José Sá, Porto, 500\$00; Frank Barrote, Porto, 500\$+350\$00; Francisco Carrilho, Bragança, 5500\$00; Sérgio Mariz Ferrela, Fão, 500\$00; Américo Esteves, 500\$00; Adelino dos Reis, 350\$00 (ap.); Mário Ramiro Mariz D. Ferrela, 500\$00; Alfredo Palmeira Machado, 500\$00; Artur Sobral, 500\$00; João Reis Graça, 500\$00; Manuel Gomes da Costa, 500\$00; João de Deus Soares, 500\$00; Ramiro Sá da Cruz, 500\$00; Manuel Belmiro, 500\$00.

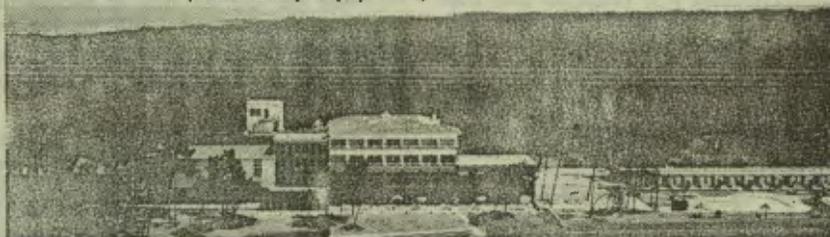
A todos o nosso bem hajam.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

Fão de antigamente



É verdade! A actual colónia balnear falta-lhe espírito do corpo. Dantes a colónia era uma só e por isso poucos pareciam muitos. Depois havia uma melhor interligação entre a terra e a colónia.

Esta fotografia atira lá para a década de 40. Foi um cortejo de carroças a favor do Hospital se a memória não atralcoa. Lá temos o Carvalhinho (um banhista crónico

de Barcelos), uma sua filha, mais banhistas e gente de Fão: metade do Marcos Reis, o Daniel, o Neca Paralta, o Albertino Furtada, parece-nos que o finado Lourival, o Zé Matias e ainda em cima da carroça parece-nos o Carlos Silva (de Rio Tinto). Será?

Ai que saudades ... Ai! Ai!

ANTIGOS ALUNOS DO COLÉGIO INFANTE DE SAGRES VÃO REUNIR

Já lá vão trinta e quatro anos. O Colégio Infante Sagres, de Esposende, então sob a responsabilidade do dr. Agostinho Rua Reis, introduzia pela primeira vez o 5.º ano. Havia uma única turma composta pelos alunos Artur Costa, Armando Saraiva, José Areias, Maria Amélia Gouveia, Madalena Cavaleiro, Joaquim Vassalo, Rui Antero, Carminho Pimenta, Carminho Quintas, Ernestino Miranda, Glória Ribeiro e Fátima Moraes. Erã seus professores, entre outros, o dr. Arménio (quem não se lembra dele?), Eng. Alcides e o dr. Reis.

Era uma turma muito aplicada e com um elevado grau de amizade entre todos. A inexorável lei da vida atirou entretanto cada um para seu lado e, muita água correu depois sob as pontes.

Ao fim de 34 anos a dr.ª Fátima Morães, professora do Ensino Secundário (matemáticas) em S. Paulo, volta de visita à sua terra. Encontra um e outro colega. E se nos reuníssemos? Pronto! A ideia pegou de estaca e a 100 à hora. Os telefones detiniram e no dia 19 de Junho todos se encontraram num restaurante em Palmeira. Todos ou quase todos. O Rui Beleza não foi contactado, o dr. José Areias tinha um compromisso há muito marcado e a Carminha Quintas está metida numa

barragem lá de Xima ... Aquilo foi o encontro da saudade e da alegria. Só visto.

Ficou depois combinado que no próximo mês de Setembro se realizasse uma confraternização geral de alunos da época Irmãos Carvalhais e da era Dr. Reis.

Formou-se entretanto uma comissão constituída pelos antigos alunos Artur Costa, Manuel Losa, João Silva, dr. Joaquim Vassalo, dr. Armando Saraiva e dr. José Areias que vai tentar essa formidável reunião com gerações diferenciadas.

Entre nós

—Após umas dezenas de anos de ausência, encontra-se entre nós Aprígio Teixeira Leão de Meireles que pertenceu à célebre colónia de banhistas que nas décadas de 40 e 50 animaram particularmente Fão.

O Aprígio é dos «históricos» e como tal tem jus à cidadania fangueira.

—Outro «histórico» se encontra entre nós. É o comandante Eurico Moura de Sampaio e Castro que ainda há pouco tempo apareceu numa fotografia do Fão Praia F. C. de há uns anos atrás. Bem mas este é «cá dos nossos» e nós fazemos muito gosto em vê-lo muitas vezes por cá.

PONTE DE FÃO

A ponte de Fão vai comemorar dentro de três anos o seu centenário pois foi em 1888 que se iniciaram as obras da autoria de Abel Maria Noé.

Curiosamente a primeira petição que a câmara de Espasende faz ao governo de então (D. Luís I) para a autorizar a fazer a ponte (1885) baseava-se na necessidade de ligar melhor ao concelho, material e afectivamente, as freguesias situadas para lá do rio: Fão, Apúlia, Fonteboa e Rio Tinto.

Tanto quanto julgámos saber, a Universidade do Minho, através da sua Unidade de Arqueologia, solicitou que este imóvel fosse considerado de «interesse público». O competente departamento do Estado está prestes a satisfazer a petição solicitada, o que vai criar à volta da ponte uma zona de protecção. A montante do rio a referida zona ultrapassa o Hotel do Pinhal. Lá se vai o «Tal canal». Perdão: lá se vai a tiragem da areia.

Curiosamente as condições ecológicas da pequena ilha que se formou entre os dois pegões do meio permitiu a germinação de uma pequena planta que, segundo um biólogo escocês, é quase única no mundo.

Quadras soltas

O que tiver olhar puro,
Também tem a alma sã;
Para quem vê tudo escuro
O sol põe-se... de manhã.
Nossa vida é como a flor
Posta na berma da estrada;
Até ao fim da jornada
Deve ter perfume e cor.

Reparte o pão da bondade
E o teu vinho da alegria;
Aumentarás tua herdade
E as colheitas cada dia.

Recomeçar uma vida
Já quase no fim da estrada,
É confundir a partida
Com a meta da chegada.

A vida é feita de luz
E de sombra misteriosa,
Tem o perfume da rosa
E a dureza de uma cruz.

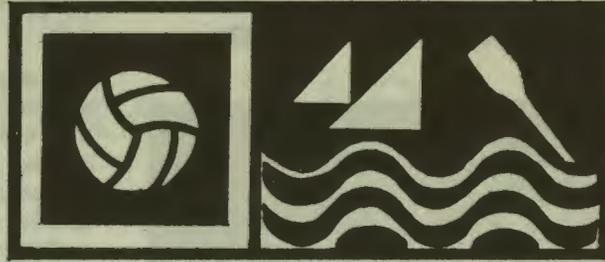
A gente ansiosa espera
Pela garrida estação;
Mas sempre tem Primavera,
Quem tem Deus no coração.

Mede as palavras que dizes ...
O calar tem mais valor;
D fruto vem, como a flor,
Do silêncio das raízes.

Em vestidos e pintura,
Gasta-se tempo e riqueza.
Que importa a cor da moldura
Se o quadro não tem beleza?

Dinis de Vilarelho

DESPORTO



Futebol Clube de Fão

Realizou-se no penúltimo sábado, dia 29, a Assembleia do C. F. de Fão para a eleição dos novos corpos gerentes tendo sido a seguinte direcção:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Dr. Armando Saraiva
Vice-Presidente — Adelino Saraiva
Vogal — Belmiro Cândido Viana

CONSELHO FISCAL

Presidente — José Alexandre Ribeiro Teixeira
Secretário — João António Marques Alves
Relator — Paulino Martins Alves

DIRECÇÃO

Presidente — Marinho Matos do Vale
Vice-Presidente — Luís Gomes Viana
1.º Secretário — António Gonçalv. Figueiredo
2.º Sec. — Dr. Manuel João C. Matos
1.º Tesoureiro — António Gomes Viana
2.º Tes. — Prof. Manuel F. Nascimento
Vogais — Francisco Gomes Amorim, Óscar Hernâni Gomes Viana, Luís Gonçalves da Torre, Eurico Pontes de Oliveira e Manuel do Venda Dias.

Futebol

O futebol lá anda. O nosso amigo Didier já inaugurou a tómbola, nos baixos da Misericórdia. E quando o Berto mete a mão aparece sempre peixe.

No dia 4 realizou-se uma prova de motobol, isto é, uma prova de futebol de moto. Estavam em desfilage dois grupos comandados pelos campeões nacionais de motociclismo: Tozé Moreira e José Pereira.

Foi um magnífico espectáculo mas... deu prejuízo.

Entretanto a Direcção trabalha e neste momento podemos afirmar que está já assegurada a vinda de 4 jogadores do Esposende; 2 da Póvoa; 2 de Gandra, alguns

(não se sabe quantos) de Barcelos e 7 de Fão.

Como afirmou Marinho na entrevista passada com os santos de casa não se vai a parte nenhuma.

Consta ainda que o equipa de juniores, equipa técnica incluída, vai para o Esposende.

No próximo número publicaremos uma entrevista que nos foi concedida pelo Né Vieira. Sobre canoagem.

o melhor café
é o da
A BRASILEIRA
PORTO

TERRENO

CERCA DE 3.200 m²
(a 500 m. do Campo de Futebol)
ESTRADA DE FÃO — APÚLIA
TELEF. 485945 — PORTO
TRATA O PRÓPRIO

Ainda o GAB. I.

Tínhamos relatado, no penúltimo número, parte da sessão que teve lugar de manhã na C.M.E. À tarde, teve lugar o almoço e um passeio pelo Concelho de Esposende.

Durante o almoço, que serviu para uma troca de ideias das quais não posso, por falta de espaço, dar aqui conta de todas, «O Novo Fanguelro» fez uma pergunta que quero aqui realçar.

N. F. — Sr. Presidente. Falou-se e fala-se muito sobre o GAB. I. porém há uma dúvida, que já me foi expressa, que quero ver aqui esclarecida e que é a seguinte:

Diz-se que o GAB. I. não é mais que um órgão de propaganda da C.M.E., em tempo eleitoral. Em que medida é isto verdade?

P. C. — Isso não é verdade. Repare que escolhi para chefiar o GAB. I. uma pessoa apartidária, um técnico exclusivamente. Além do mais, qual o interesse da propaganda se não sei ainda se me irei candidatar nas próximas eleições.

N. F. — Sr. Presidente. «O Novo Fanguelro» irá estar atento para ver se o que o Sr. Presidente me diz é verdade ou não.

Sr. Cunha Pinto — É verdade sim. Nós iremos prová-lo.

Da análise que fizemos do Boletim de Informação n.º 1 editado pelo GAB. I., pretende-se obstar a que seja um órgão de propaganda da C.M., temperando-o com uma entrevista com o Presidente da Junta de Freguesia da Apúlia que, como toda a gente sabe, não é pessoa politicamente afecta ao actual Presidente da Câmara. Porém, evitou-se, nessa entrevista (não sei se propositadamente) entrar em temas quentes como seja a construção e pedido de embargo de um prédio sito na Apúlia, que tanta celeuma tem dado nos últimos tempos.

De qualquer modo, pensamos que o Boletim (porquanto livre de toda e qualquer espécie de censura) será aquilo que todos nós fizemos dele, formulando dúvidas e exigindo esclarecimentos. É para isto (já que se gasta bastante dinheiro com o GAB. I.) que aquele deverá servir e só assim se dará o dinheiro por bem empregue. Se se limitar a ser a fotocópia dos officios camarários, ninguém ganhará com isso. Estou certo que quer o Sr. Presidente quer o Sr. Cunha Pinto acompanham «O Novo Fanguelro» neste mesmo entendimento.

Depois do almoço seguiu-se um roteiro turístico, percorrido na camioneta da C.M., onde pudemos contactar as principais realizações da C.M.E. Escolas, estradas, bairros sociais, o saneamento básico, etc.

Não posso deixar de realçar aqui o trabalho que, no campo da cultura, está a ser levado a cabo pela C.M. Sabe-se das dificuldades e das incampreensões que muitas vezes está sujeito o pelouro da cultura. No entanto, o investimento que se fez quer na biblioteca quer no arquivo e o projectado museu da cultura são obras corajosas e que interessa prosseguir. Não quero terminar sem dar o meu voto de louvor ao Dr. Nelva, responsável pelo pelouro da cultura, pela dedicação que está a pôr no valioso trabalho de que é directo responsável.

Quero salientar um reparo que fiz quando visitei a biblioteca. Ao ver vários jornais regionais, disponíveis aos leitores, não descobri «O Novo Fanguelro». Fiz notar isso ao Dr. Nelva que me disse ir em breve reparar a falta. Espero bem que sim Dr. Nelva porque o tema cultura não pode englobar a palavra Descriminação.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.DA

création ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL

AZAL

RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

«ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA, TANTO BATE ATÉ QUE FURA»

(Continuado da pág. 4)

● A rua a sul do Hospital tem um único sentido, nascente/poente. Não devia ter algum. Os doentes da ala sul do Hospital são constantemente perturbados pelos escapes ruidosos dos aceleras (automóveis e motorizadas) até altas horas da noite. E o Hospital já lá existe há muitos, muitos anos. Antes mesmo das pastelarias e restaurantes vizinhos, erra do salve-se quem puder!!!

● Piriquito é uma ave multicolor: Azul; amarela; verde... Piriquito é a casa da nossa terra. Com azulejos ou sem eles não se pensa se a côr se enquadra no ambiente ou não. O que é preciso é que seja vistosa. Chame a atenção.

● Constrói-se em qualquer canto. Sem pensar em futuro alargamento das ruas, sem alinhar ou sem cuidar a traça característica da terra. Há recantos com casas de dois andares que não sendo arranha-céus, arranham a sensibilidade do tradicional, do belo.

● «Salvemos o rio Cávado». Lê-se em cartazes profusamente colocados nas paredes das nossas casas.

«Salvemos as nossas paredes» dizem os proprietários dos prédios atingidos. As eleições aproximam-se. Há que não pintar as casas... paredes! Elas vão ficar cobertas de abundante propaganda partidária.

Por que não impôr o obrigação de afixar esses cartazes em placards, em locais apropriados para o efeito?

● A propósito de «Salvemos o rio Cávado de toda a espécie de poluição», lembramos que em tempos, a população se opôs à existência da Tinturaria da fábrica Ofir-tex. Mas ao que consta, ao que se diz, o rio está de novo tingido por outro tinturaria. Está a ser engordurado pelos esgotos directos dos restaurantes, isto também é poluição...

● Não há muito tempo, no entroncamento da Avenida Dr. Manuel Pais com o largo do Cortinhal surgiu «petróleo» amarelo, mal cheiroso e pestilento à superfície. Pois é, não há ouro negro, há de outras cores e cheiros.

Mais ano menos ano, mais século me-

nos século, esses problemas de poluição líquida vão acabar. O saneamento já deu sinal; as ruas já se esburacaram, os canos já lá estão. Pudera! As eleições vêm aí.

● Cada terro tem aquilo que merece. Mas água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Nós não batemos; chamamos só atenção dos autarcas que já muito têm feito, mas se querem fazer de Fão/Ofir o Estoril do Norte como prometeram, então, espere-mos pelo século vinte e um.

● Buracos! Só buracos!
Buracos nas ruas, buracos no leito do rio, buracos a descoberto, buracos escondidos. Buracos de dia, buracos de noite. Atenção, fangueiros... só há buracos...

● O trânsito em Ofir está caótico, sobretudo ao fim de semana. Vale-nos, ao menos, o policiamento no entroncamento com a Estrada Nacional. Parece-nos que se poderia fazer canalizar o trânsito num só sentido, circulando pela rua Capieão Lacher ou Bonança-Ápúlia para quem sai da praia ou do pinhal. Ficaria a estrada do mar com um único sentido-Nascente/Poente.

● Os contentores do lixo são focos de mau cheiro e ninho de ratos e moscas, sobretudo no Vero. Os utentes não respeitam a sua capacidade que chega a transbordar; lançam o lixo metade por fora metade por dentro.

Uma cidade do norte da França acabou com este tipo de contentores. Impôs o uso dos sacos que a edilidade comprou, pagou e depois ofereceu, inicialmente aos municípios. As zonas, da nossa terra, mais limpas eram aquelas onde o varredor e lixeiro municipais não faziam serviço. Veja-se as Pedreiras. Hoje o lixo está por todo o lado.

Já que falámos de lixo, a praia de Fão está conspurcada de quanta porcaria há: plásticos, papéis de gelados, latas de sumos...

Varredores precisam-se para aquela zona. O banheiro vigia o banho como o próprio nome indica, não é? Ou também é técnico do lixo?

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura! É essa a nossa intenção.

Dos Mirones da outra banda

Colóquio Manuel de Boaventura

A Comissão Executiva das Comemorações do 1.º Centenário do nascimento do escritor Manuel de Boaventura, comunica a V. Ex.ª que, em virtude da data escolhida para a realização das eleições legislativas coincidir com a data do colóquio o que, por vários motivos o inviabiliza, decidiu alterar a data do colóquio para os dias 23 e 24 de Novembro deste mesmo ano. Devido a esta alteração, decidiu-se ainda alargar o prazo de inscrição até 31 de Agosto. Os já inscritos e que, por alteração da data, não possam participar devem comunicar a esta Comissão pois, não o fazendo, são considerados na situação de participantes/ comunicantes.

Necrologia

Infelizmente é extenso o rol de pessoas falecidas ao longo de um mês. No dia 13 de Julho faleceu afogado no rio Cávado o menor Filipe Cruz, com a idade de 6 anos, filho de Maria Olímpia Barreiro e de António Magalhães da Cruz.

— Também morreu afogado em 24 de Julho, nas escavações de uma antiga pedreira na Cova do Coeho, Póvoa de Varzim, o jovem Paulo Renato Fernandes Vilela, de 19 anos de idade, filho do nosso conterrâneo Renato Cruz Vilela, funcionário da Câmara da Póvoa de Varzim.

— No dia 25 de Julho faleceu na sua casa na Rua das Pedreiras, Ana da Silva Ramos, avó do nosso assinante Manuel Sá Leites.

— Ainda no dia 1 de Agosto ocorreu o falecimento de Norberta Pedrosa Viana que era irmã dos nossos amigos Viana que num espaço relativamente curto vêm desaparecer-lhes três entes muito queridos.

— No dia seguinte, portanto no dia 2 do presente mês, faleceu igualmente em Fão Antónia Silva de Sousa (Toneca), com 84 anos de idade. A Toneca, como era mais conhecida, conviveu muito de perto com os seminaristas de Fão que na década de 40 frequentavam os seminários de Braga. Deixa por isso em todos indelével saudade.

A todas as famílias enlutadas «O Novo Fangeiro» apresenta sentidas condolências.

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Maria Arlette S. F.
Sérgio Mendanha
Quim Muata
Tia Mariquinhas
Dinis de Vilarelho

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

LongaVida



o que é bom da natureza

POSTAIS DA NOSSA TERRA

IV — MAGNA ERIT GLORIA...

São estas as palavras iniciais da inscrição existentes na parte superior da porta principal da nossa Igreja Matriz. E, sem dúvida, «Grande será a Glória» daquela mais nova casa — o que subentende a existência duma outra anterior —, como tem sido até agora.

O mesmo, porém, já no poder-se-á, talvez, dizer de quem idealizou e está a implantar, nas artérias da nossa Vila, dezenas de postes de tubo galvanizado, destinados, segundo parece, para a colocação de outras tantas dezenas de placas regulamentares do trânsito automóvel, naquelas mesmas artérias, pois temos a certeza — e conosco muita outra gente — que essas dezenas de placas nada virão a resolver, dado que muitos poucos irão acatá-las, continuando, por isso, o trânsito a processar-se pelo modo caótico como ver sendo efectuado.

Para exemplo é ver o que se passa com o trânsito no troço da Rua de S. João de Deus, compreendido entre a Rua de S. José e a Avenida Visconde de S. Januário (EN. 13), cujo trânsito está regulamentado num só sentido, nascente-poente, mas onde se verifica, a cada passo, trânsito nos dois sentidos, pelo que já temos assistido, por esse motivo, à eminência de choques, na entrada nascente daquela rua, sem que ninguém, até à presente data, tenha ido à mão, se não ao bolso desses infractores:

Que se tentasse regulamentar o trânsito num ou noutro caso pontual, especialmente quanto a estacionamento, ainda se compreenderia, mas estar a gastar-se, se-

gundo consta, cerca de dois milhares de contos, fora o custo da implantação das placas, num complexo sistema de sinalização, como o que se está a pôr em prática — que nem na sede do concelho se vê —, isso é que já não é tão compreensível, nem se justifica.

No entanto, outros problemas se verificam, em cuja solução justificariam melhor o dispêndio daquela avultada verba, sem que se veja interesse em encará-los. Referimo-nos, por exemplo, à passagem de peões entre as Ruas de S. João de Deus e de S. João, passagem essa que, aproveitando o declive desta última rua, poderia ser inferior à Avenida Visconde de S. Januário, conseguindo-se dá Santa Casa da Misericórdia — e estamos certo que ela não iria contra isso — a cedência de uma nesga de terreno que permitisse a saída dessa passagem inferior, quer para o poente (Rua de S. João de Deus), quer para o norte (Avenida Visconde de S. Januário).

Um outro problema se nos apresenta e que mereceria que fosse encarado em termos de solução pelas nossas autarquias — o da segurança dos peões que transieam pela Avenida Visconde de S. Januário (EN. 13) —, com a construção, em ambos os lados da artéria, de passeios, prevenindo-se, assim, possíveis atropelamentos de peões que transitam pelas suas bermas, pois é frequente que as viaturas, que transitam na mesma, geralmente a altas velocidades, invadam aquelas bermas, embora demarcadas a traço contínuo, procedendo-se igual-

mente aos alargamentos necessários, entre o Senhor Bom Jesus e a Rua Prior António Nogueira e entre a Rua Capitão Jorge Larcher e a parte já alargada próximo da Avenida António Veiga, uma vez que a J.A.E. parece desinteressada de o fazer.

E já agora, porque no há dois sem três, um terceiro problema também deveria merecer a melhor atenção das entidades que sobre o assunto superentendeu: o da limpeza dos contentores do lixo.

Nestes dias de canícula, que se têm verificado, exalam esses contentores cheiros nauseabundos, que já se fazem sentir a mais de uma dezena de metros de distância, poluindo a atmosfera da nossa Vila, como o estão fazendo, dão uma péssima impressão aos inúmeros turistas que, nestes dias, pululam pelas nossas ruas.

Não se pode negar que a colocação desses contentores foi um benefício para a população, não se lhe podendo negar todos os encómos possíveis, mas não basta despejá-los diariamente, como vem sendo feito, torna-se também indispensável que sejam convenientemente lavados, periodicamente, para que termine a exalação daqueles cheiros. Não é só o rio Cávado que é poluído!

Como prova dessa necessidade pode-se apontar o exemplo dos contentores, colocados na Avenida Visconde de S. Januário, próximo do «Restaurante Martins dos Frangos», que, em virtude da gerência dessa Casa os mandar lavar de vez em quando, não exalam aqueles eão incómodos e mal cheirosos odores.

São estes, por hoje, os reparos, não críticas, do

QUIM MUATA

O Mundo em que vivemos

Tragédias de Verão

Uma foi aqui mesmo, em Fão, no dia 13 de Julho. Dois irmãos, Filipe e Rui Cruz, de 6 e 14 anos, respectivamente, tomavam banho no rio Cávado, em frente à Pedra Alta. O Filipe, a certa altura, foi engolido pelas águas e desapareceu. De nada valeu o aflitivo pedido de socorro do irmão, nem a rapidez e a boa vontade dos que partiram em seu auxílio: o rio prendera-o ao fundo e aí o foi encontrar a lancha conduzida pelo Comandante dos Bombeiros de Fão.

Três dias depois, na freguesia de Milheirós, Maia, um pântano enganador pela limpidez das suas águas, sorveu duas irmãs: a Ilda, de 17 anos e a Maria Eulália, de 18, quando se banhavam. A cunhada das infortunadas moças, que lavava roupa ali perto, quando olhou para a água já não viu mais que um braço, que ainda se agitava, num derradeiro e trágico apelo.

Em 25 de Julho, no rio Marnel, pró-

ximo de Agueda, morreu por afogamento o Rui Manuel, de 9 anos de idade.

Estes são três casos dos muitos que se verificam na época estival por esse país fora. Por analogia, faz-nos recordar o «slogan» tantas vezes ouvido: — «Há mar, há mar, há ir e voltar».

Só que nenhum destes dramas ocorreu no mar, nem estes nem tantos outros (no rio Douro, no rio Leça, etc.) que nos abtemos de relatar para não atingir uma certa saturação.

Por isso, embora não devamos

nunca esquecer que «há mar, há mar, há ir e voltar», é imperioso que tenhamos sempre que não há só mar: há rios, ribeiros, regatos, lagos, lagoas, pântanos, etc., etc.

É preciso que todos saibam que as águas mansas de um rio ou a superfície límpida e quieta de um lago não estão lá só para embelezar a paisagem. Sob o seu aspecto tranquilo, sob o seu indimentável encanto, há profundos abismos que engolem e amortalham as vidas que alegremente se lhes confiam.

É preciso que todos se consciencializem de que, para além da serena limpidez dessas águas convidativas, a morte espreita a vida. E que, ao mergulharem nelas, despreocupadamente, podem estar a iniciar uma viagem da qual não se regressa nunca mais.

E. Real

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO